

OPÚSCULO 14

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

Gonçalo M Tavares

ARQUITECTURA,
NATUREZA E AMOR

ARQUITECTURA, NATUREZA E AMOR

Ideia 1

- a* Toda a Natureza é mensurável e a cultura é a parte da natureza *que já foi* medida.

Medir é colocar ordem no confuso, sem quantificar não me oriento: perco-me. E o homem perdido tem medo.

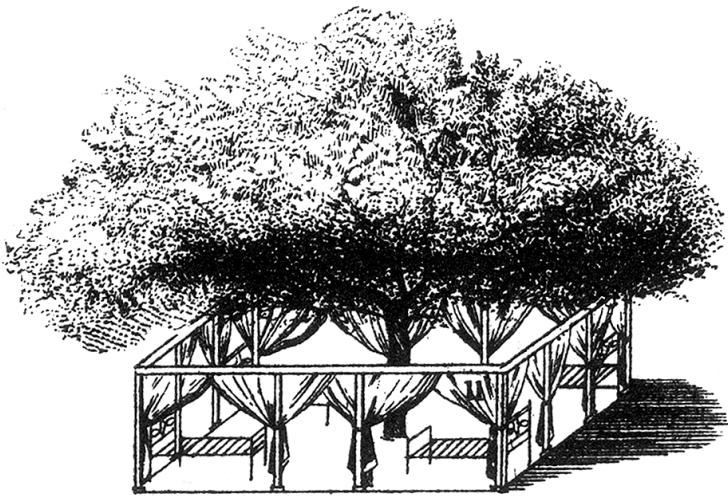
A floresta é o expoente do natural: aí o medo *faz casa*.

- b* A cultura é assim a natureza a que retirámos o medo, como se este fosse uma substância, e esta substância desaparecesse com o acto de medir.

Medir é apagar a floresta, é *fazer o seu desaparecimento*.

Fazer desaparecer a Natureza ou ter a ilusão de que ela desapareceu é a marca da cidade. Um vaso de flores não é uma floresta: Podemos rodear o vaso — que não é uma síntese da natureza, mas uma redução — podemos rodear o vaso, mas não rodeamos a floresta — só se estivermos exteriores a ela — somos sim rodeados pela floresta.

- b1* Percorrer algo é digerir. Digerimos o vaso, somos digeridos pela floresta quando nela nos perdemos.



Corolário da ideia 1

- a1 Se a cultura é a natureza já medida, encaixotada (ou de uma outra forma: se a cultura é a parte da floresta que transformámos em vaso), a arquitectura é o expoente máximo do acto de medir, de controlar. A arquitectura é um medir não apenas quantitativo, mas um **medir qualitativo**. Digamos: um medir que se preocupa com a componente estética: o resultado da medição não deve apenas ser certo, exacto — verdadeiro — mas também confortável, agradável aos olhos — belo, portanto.
- a2 Somos então obrigados em pensar a arquitectura como um conjunto de números verdadeiros (põem ordem, acalmam no homem o medo da floresta) e também belos (a medição não provoca apenas tranquilidade, mas também entusiasmo, exaltação; exaltação, essa, agora não negativa — não medo — mas positiva — sinto-me bem, sinto-me capaz de saltar.)
Existem, em suma, **números belos**: eis a arquitectura.
- a3 O arquitecto é aquele que procura os tamanhos verdadeiros e belos das coisas e a sua relação de maior altitude. Não basta ao arquitecto dominar os concretos valores do peso das coisas e da distância entre elas (paredes, vazios, funções, tectos, vazios), o arquitecto deverá também saber manipular **os materiais do pressentimento** que são a base do ofício do poeta e do artista.
- a4 Materiais concretos surgem no mundo humano apoiados/começados pela fita métrica (o humano infiltrado na natureza: tentativa de dominar, através da ordem do número, o animalesco que rodeia a cultura) enquanto os materiais do pressentimento surgem no mundo humano apoiados pelo instinto (**instinto**: esquecimento súbito, e com consequências, da racionalidade — o animalesco infiltrado no humano).
- a5 O animal não se esquece que é humano: mede, quantifica, procura a verdade.
O humano não se esquece que é animal: presente, entusiasma-se, exalta-se: procura o belo.

Ideia 2

Depois de colocada a ordem humana por cima do confuso—que ficará em baixo, pacientemente à espera do dia do regresso—o toque humano final (a mão humana toca) é o nomear.

Dar nome é *um ofício de louco*. Depois das quantidades organizadas utiliza-se o alfabeto; dar um nome à organização e à relação de determinados números não é um acto racional. Dar nomes aos números e às suas ligações é a loucura repetida que pela sua regularidade se tornou uma normalidade indispensável à racionalidade humana.

Qualquer cidade tem um nome louco, como o são todos os nomes, pois não é um número.

Ideia 3

- a* A arquitectura deverá ser, entre outras coisas, **uma ciência moral**. Ciência moral, mas não moralista. Isto é: não uma ciência que tenha como objectivo aumentar a moral do espaço, não: defender a arquitectura como ciência moral é defender a arquitectura como uma ciência que se preocupa com a relação entre distâncias, tamanhos, cores, não apenas numa relação de *verdade* ou *beleza*, mas ainda, e, por último, numa relação de **justiça**.

A arquitectura procura o verdadeiro, o belo e o justo — tese clássica. Isto é: ao número não basta ser exacto, terá de ser também belo e justo.

Quantidades belas e quantidades morais. Atribuir adjetivos fortes a não-qualidades como são as quantidades: eis a dificuldade do arquitecto e de qualquer artista ou escritor.

b Mas repita-se: não se exige, claro, uma arquitectura moralista. A ética de uma casa — de um ponto de vista da arquitectura — não depende dos actos que os seus utilizadores executam lá dentro — mas sim, de um modo objectivo e nada vago, das dimensões, das medidas, distâncias entre paredes, disposição de compartimentos e funções.

Dirão: porquê colocar mais peso (responsabilidade moral e ética) num ofício que não é mais do que a manipulação do Peso e do Leve? (considerando-se aqui o **Leve** como o oposto do Peso, como se aquele fosse uma característica com as suas unidades próprias, e não apenas como um negativo, como uma ausência de peso. Leveza não é ausência de peso, mas, sim, *presença de leveza*. Unidades de Leveza? Precisamos de pensar nelas, encontrar-lhes um bom nome.)

Mas qualquer coisa, escrevia, tem uma ética: como pensar a arquitectura (ocupação expressiva do espaço) fora dessa responsabilidade?

Um exemplo que me agrada particularmente: Adorno no livro *minima moralia* fala de umas pantufas Schlapen. Escreve Adorno:

Em várias coisas há gestos registados e, portanto, modos de comportamento. As pantufas — «Schlappen», slippers — estão concebidas para meter os pés sem a ajuda da mão. São monumentos do ódio contra o vergar-se.

Se até umas pantufas domésticas, com a sua forma e o seu modo de utilização, impõem uma filosofia de vida e, portanto, uma moral, como retirar deste combate a arquitectura? Há edifícios que são monumentos ao acto de vergar-se, edifícios que promovem — pela sua forma e pelo seu modo de utilização — um conjunto de actos servis e de sabujice — e outros, pelo contrário, que instalam o instinto do orgulho e da individualidade orgulhosa e criativa nos seus utilizadores. Tal observação parece evidente.

Desde as pantufas, à casa, desde a roupa às palavras, tudo julga e tudo é julgado: o mundo é uma unidade moral. Ninguém e nada está de fora.

Corolário da ideia 2

Que cidade para esta floresta? Com que cultura responder a esta natureza? Que medições (exactas, belas e justas) fazer?

Em suma: que arquitectura?

Certas cidades exigem uma arquitectura imoral para responder adequadamente a um espaço também imoral, para que entre essa floresta natural imoral e a cidade medida também imoral se estabeleça uma relação que resulte justa, eticamente aceitável.

Diz Robert Musil, num dos seus primeiros ensaios, em 1911: *Não sou o único (...) a defender a posição de que a arte pode não só representar o imoral e o aborrecido, como também amá-lo.* Mais à frente escreve:

Representar algo significa representar as suas relações com outras cem coisas diferentes, (...) da mesma maneira que o entendimento científico surge apenas mediante uma actividade de comparação e relação, igual à que surge em qualquer compreensão humana. E ainda que essas outras cem coisas sejam, uma vez mais, indecentes e doentias: as relações não o são, e a descoberta dessas relações não o é nunca.

Como se entre a arquitectura e o espaço-floresta existente anteriormente se procurasse uma equação moral, uma mistura justa.

Consideração final

O que importa não é a verdade, a beleza ou a justiça de cada coisa olhada isoladamente; o que importa é o que resulta da relação entre as coisas, da ligação entre as coisas. A excitação individual não é classificável até assistirmos aos seus efeitos; a excitação (desejo de ligação) resulta na ligação erótica — a ligação erótica consumada entre casa e espaço (floresta-cidade, natureza-cultura) e só aí podemos julgar o trabalho do arquitecto.

«Não te curves senão para amar», aconselhava o poeta René Char. O que poderá fazer então o arquitecto? De um modo simples: medir o espaço; tirar o medo ao espaço de modo que a resultante seja o edifício sobre o qual os homens e as mulheres digam, entre si, alto: *lá dentro curvo-me apenas por amor*. Se tal suceder eis que o arquitecto não fez apenas arquitectura, *fêz/construiu* um fragmento do discurso amoroso.

Imagem da página 4: António Augusto da Costa SIMÕES, *Construções Hospitalares (noções gerais e projectos) com referência aos Hospitais da Universidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890, Est.^a 6.^a, Fig. 10.^a in Paulo PROVIDÊNCIA, *A cabana do higienista*, Coimbra, e|d|arq, 2000, p. 75.

Este texto foi publicado originalmente com o título «Arquitectura, natureza e amor —reflexões sobre o espaço métrico designado por Coimbra» na revista NU «Onde está Coimbra?», n.º 12, Junho 2003, p. 35–36, revista produzida pelo NUDA, Núcleo de Estudantes do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

GONÇALO M TAVARES (1970). Publicou a sua primeira obra em 2002. Tem recebido vários importantes prémios (Prémio de Literatura do Brasil/Portugal Telecom 2007; Prémio José Saramago 2005; Prémio LER/Millennium BCP 2004; Prémio Branquinho da Fonseca/Fundação Calouste Gulbenkian—Jornal Expresso; Prémio Revelação de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores; Grande Prémio de Conto da Associação Portuguesa de Escritores Camilo Castelo Branco). Estão em curso edições e traduções de dezasseis dos seus livros em quinze países.

OPÚSCULOS

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

<i>José Capela</i>	I	UTILIDADE DA ARQUITECTURA: 0+6 POSSIBILIDADES
<i>Pedro Gadanho</i>	2	PARA QUE SERVE A ARQUITECTURA?
<i>Godofredo Pereira</i>	3	DELÍRIOS DE PODER
<i>André Tavares</i>	4	AS PERNAS NÃO SERVEM SÓ PARA ANDAR
<i>Rui Ramos</i>	5	ELENCO PARA UMA ARQUITECTURA DOMÉSTICA
<i>Luis Urbano</i>	6	DUPLI_CIDADE E A FLÂNERIE CONTEMPORÂNEA
<i>Inês Moreira</i>	7	PETIT CABANON
<i>Susana Ventura</i>	8	O OVO E A GALINHA
<i>Guilherme Wisnik</i>	9	NIEMEYER: LEVEZA NÃO TECTÓNICA
<i>Miguel Figueira</i>	10	A MINHA CASA EM MONTEMOR
<i>Pedro Fiori Arantes</i>	11	O LUGAR DA ARQUITECTURA NUM «PLANETA DE FAVELAS»
<i>João Soares</i>	12	O SUPORTE DA MORAL DIFUSA
<i>Nuno Abrantes</i>	13	739H/M ²
<i>Gonçalo M Tavares</i>	14	ARQUITECTURA, NATUREZA E AMOR